

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

TRABALHO E SUBJECTIVIDADE: O ESPÍRITO DO TOYOTISMO NA ERA DO CAPITALISMO MANIPULATÓRIO

WORK AND SUBJECTIVITY: THE TOYOTISM'S SPIRIT IN THE ERA OF MANIPULATORY CAPITALISM

TRABAJO Y SUBJETIVIDAD: EL ESPÍRITO DEL TOYOTISMO EN LA ERA DEL CAPITALISMO MANIPULADOR

Por: **Dora Fonseca**: Doutoranda do Programa de Doutorado em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal) e do CES (Centro de Estudos Sociais). Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (Portugal). E-mail: dorajfonseca@gmail.com.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Subjectividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. 164p.

O presente livro de Giovanni Alves pretende iluminar os complexos mecanismos actuantes na dinâmica do modo de produção capitalista, na sua vertente mais nefasta: o capitalismo neoliberal. As questões apresentadas são de grande densidade e remetem para uma reflexão profunda acerca de causas e efeitos que, na grande maioria das vezes, carecem de transparência. Trabalho e subjectividade são as palavras – chave, e é em torno destas que desenvolve um meritório esforço de reflexão, presenteando-nos com uma síntese esclarecedora e com propostas de trabalho acerca daquela que é, seguramente, a dinâmica mais complexa e decisiva da nossa era.

Na introdução o autor começa por apresentar os traços gerais das transformações sócio-históricas que envolveram as dimensões do ser social capitalista. Situa a emergência do novo complexo de reestruturação produtiva, apresentando alguns dos elementos caracterizadores da nova ordem sistémica do capital. Sublinha uma “a dessubstancialização do ser genérico do homem por sua



dessocialização ou desefetivação do trabalho” (pág. 25) e o agravamento do “fenómeno do estranhamento” enquanto condição histórico – ontológica tanto da classe dos trabalhadores assalariados, como do mundo do trabalho vivo. Tal leva-o a introduzir o conceito *sociometabolismo da barbárie*, estabelecendo um vínculo orgânico entre acumulação por espoliação e as novas práticas de empresariais de gestão de “captura” da subjectividade do trabalho vivo e da força de trabalho (nomeadamente os mecanismos que promovem o envolvimento dos trabalhadores).

Ao longo do primeiro capítulo - consagrado às dimensões da reestruturação produtiva - o autor dedica-se à explicitação da noção de cooperação complexa da produção do capital. A *cooperação complexa* seria “um novo espaço – tempo sócio – histórico da produção (e reprodução) do capital sob as condições críticas da grande indústria” (pág. 35). A utilização desta noção vem permitir a identificação de alterações de vulto ao nível da reestruturação produtiva do capital e da sua dinâmica sociometabólica de produção. Tais alterações decorrem da revolução das redes informacionais e da nova configuração da luta de classes e da hegemonia neoliberal pós - fordista.

O segundo capítulo é consagrado ao espírito do toyotismo enquanto “ideologia orgânica” do novo complexo de reestruturação produtiva do capital. Ao longo da sua reflexão salienta o pressuposto central do toyotismo: a “captura “ da subjectividade do trabalho vivo por meio do envolvimento activo do trabalhador nos procedimentos técnico – organizacionais da produção de mercadorias. Este engajamento é tanto moral como intelectual, e vem favorecer a “revolução conjunta de gestão de produção e do trabalho” (pág. 48). Uma das implicações principais, tendo em conta a tendência de “flexibilidade da contratação laboral”, é o facto de incentivar a instituição de uma nova precariedade do trabalho. Sublinha que a constituição do toyotismo como dispositivo organizacional e ideológico busca debilitar, ou mesmo negar, a dimensão antagónica do trabalho vivo no interior da produção do capital, minando assim a possibilidade do conflito entre capital e trabalho. Os resultados desta estratégia reflectem-se na constituição do “sindicalismo de empresa”, ao qual subjaz um processo de “neutralização político – ideológica da classe operária no espaço de produção” (pág. 61), fundamental ao sucesso do toyotismo.

A originalidade do toyotismo é, na sua óptica, a capacidade em articular a continuidade da racionalização do trabalho com as novas necessidades da

acumulação capitalista. Diferentemente dos modelos anteriores, coloca a exigência de “um homem produtivo capaz de intervir na produção com o pensamento” (pág. 63). Destaca-se a introdução de um novo pressuposto formal: a exigência de um novo tipo de envolvimento do trabalho vivo na produção capitalista. Assim, articula um novo tipo de operação de captura da subjectividade do trabalho (ou subjectividade às avessas), sustentado pela difusão de um novo tipo de discurso – do *managing*, do apelo à administração participativa e a novas formas de gestão –, que lança as bases para uma nova subsunção formal – intelectual do trabalho ao capital. O exercício de uma *racionalidade cínica* é fundamental, na medida em que fornece o substrato da aceitação de uma situação insustentável. A linha de pensamento do autor vem clarificar a emergência dos mecanismos de debilitação dos protocolos institucionais clássicos que subjazem ao compromisso social do emprego assalariado. Como salienta, “esta operação de precarização das contrapartidas toyotistas para o trabalho assalariado decorre, portanto, da falência das condições político – institucionais originárias do toyotismo clássico e do novo padrão de concorrência do mercado mundial” (pág. 67).

O terceiro capítulo – intitulado “A quarta idade da máquina” – é dedicado ao tratamento das inovações tecnológicas, procurando analisar o seu papel na emergência de uma nova ideologia orgânica da organização do trabalho capitalista. Estas contribuíram tanto para a implementação de novas estratégias empresariais, como para a configuração de uma correlação de forças desigual entre o capital e a classe trabalhadora organizada. Tais inovações são indissociáveis da emergência das “máquinas” informacionais que, além de serem máquinas de produção, cumprem também a função de reprodução social. Segundo o autor, são a base do “todo orgânico” da produção do capital pois fornecem a base para a *cooperação complexa*. Dá particular atenção à construção da ideologia da “gestão por competências” como forma de constituição e apropriação de novos espaços interactivos e de cooperação social por parte do capital, sublinhando a aposta na conversão da subjectividade dos trabalhadores à lógica do capital através da penetração nas dinâmicas de ressocialização e aculturação da força de trabalho. São activadas novas formas de controlo do trabalho morto sobre o trabalho vivo que culminam na emergência da *nova precariedade laboral*.

O quarto capítulo é dedicado às inovações sociometabólicas que contribuem para o novo clima ideológico no interior das empresas, instituído a partir da nova

subsunção formal – intelectual do trabalho ao capital. Na sua base encontra-se uma panóplia de *valores – fetiche*, expectativas e utopias de mercado. É importante, neste ponto, frisar a importância da constituição do capital como factor de hegemonia social, dado que a sua acção manipulatória lhe permite atingir não só as instâncias de produção, mas também as de reprodução social. O objectivo subjacente é a formação do novo homem produtivo do capital, operacionalizada através de um *imperialismo simbólico* instituído a partir dos *valores – fetiche*. Estes operam no plano do pré – consciente e inconsciente social, e são fundamentais à operação da “captura” da subjectividade no local de trabalho e na vida social. Segundo o autor, a “captura” da subjectividade é a estratégia primordial do *sociometabolismo da barbárie*.

A sua linha de raciocínio torna-se mais clara ao explicitar o duplo movimento hegemónico operado pelo toyotismo: incorpora valores da vida do trabalho na produção do capital e estende a presença de valores – fetiche à instância da reprodução social. Esta nova ideologia historicamente orgânica do capital representa uma *operação ideopolítica complexa* destinada à ocultação das contradições do capitalismo e à constituição de um *novo proletariado*. Tal como salienta, este último conforma-se no quadro de um novo léxico. Palavras como empreendedorismo, auto – activação, subcontratação e colaboradores fazem parte de uma operação ideológica (dissimulada) que subverte a relação salarial através da sua flexibilização levada ao limite. Instaura-se “um novo tipo de estranhamento capitalista, de subsunção real do trabalho ao capital, de salariado precário e de precariedade hipermoderna” (pág. 105). O argumento central é que a reestruturação produtiva é também uma reestruturação sociorreprodutiva.

O quinto capítulo é dedicado à caracterização do nexos essencial que sustenta o modo de organização toyotista. Como salienta o autor, trata-se da constituição de um novo nexos psicofísico que garanta a conformidade da forma e direcção do pensamento e acção dos trabalhadores com as exigências de racionalização da produção. Este é sustentado pelo “envolvimento” do trabalhador promovido pelos novos modelos de gestão, traduzindo-se numa maior densidade manipulatória que logra controlar as disposições intelectuais – afectivas (subordinação formal – intelectual do trabalho ao capital). Desse modo, estão criadas as condições necessárias para a intensificação da unidade orgânica entre acção e pensamento no interior da produção capitalista. O autor introduz um elemento original na sua

análise: o panopticismo. Considera que a lógica de controlo e de racionalização do trabalho vivo se torna mais sofisticada com a incorporação do espírito do panopticismo por meio da “introjecção” da figura do “inspector” nos trabalhadores. Este mecanismo actua sobre a subjectividade do trabalhador no sentido da construção de *consentimentos espúrios*, tornando “aceitável por meio da manipulação, a tecnologia capitalista” (pág. 120). Para esta “captura” da subjectividade também contribuem as “mediações” da organização do trabalho capitalista. Essas “mediações” – materializadas nos mecanismos de contrapartida salarial e de gestão da organização do trabalho dirigidos obtenção do consentimento – encontram-se estritamente vinculadas aos valores – fetiche e disposições subjectivas inerentes ao *sociometabolismo da barbárie*. Encontra-se em marcha a construção de uma nova sociabilidade impregnada de um *novo pragmatismo* sintonizado com o ideário neoliberal.

Na parte final da obra (apêndice) o autor apresenta algumas hipóteses de trabalho que pretendem ser um contributo para a construção de uma teoria marxista da subjectividade. Fornece uma agenda de investigação direccionada para a articulação multidisciplinar - sob uma perspectiva crítica - que tem como objectivo deslindar os mecanismos envolvidos na produção dos *consentimentos espúrios* que sedimentam a ordem sociometabólica do capital. Para tal faz uso das categorias freudianas, referindo-se à subjectividade e à sua “captura” como algo que ocorre ao nível das três instâncias do psiquismo humano: consciente, pré – consciente e inconsciente. O argumento principal é que as técnicas de manipulação utilizadas atingem sobretudo o conteúdo oculto da pré – consciência e do inconsciente, procurando influenciar o comportamento humano. Assim, a panóplia de valores – fetiche, expectativas e utopias de mercado incidiriam sobre as instâncias intra – psíquicas, manipulando-as no sentido da construção do *novo homem produtivo*.

O autor orienta a análise para a identificação de características das instâncias do psiquismo humano que podem contribuir para a compreensão dos mecanismos de “captura” da subjectividade do trabalho vivo pela ordem sociometabólica do capital. Identifica o inconsciente com a função simbólica, relacionando-o com as inovações sociometabólicas em marcha, pois é no campo simbólico que ocorre a “captura” da subjectividade. Sugere a existência de um mecanismo mental de substituição da realidade externa pela psíquica, por meio do qual ocorre a manipulação do imaginário pelas imagens – fetiche. Esse processo fornece a base

para a construção de *consentimentos espúrios* e, conseqüentemente, fornece as condições (psíquicas) necessárias para a “captura” da subjectividade no trabalho. Relaciona, ainda, a constituição de um “inconsciente estendido” com as “novas doenças da alma” que emergem no quadro de um “precário mundo do trabalho”, apresentando algumas hipóteses sobre a relação corpo – mente e a lógica sociorreprodutiva do capitalismo global. Considera que o corpo se tornou alvo de práticas subjectivadoras novas direccionadas para a preservação de um “corpo útil, produtivo e submisso” (pág. 149). Daí a tendência generalizada de constituição de “subjectividades precárias” ou “subjectividades em desefetivação” sob a égide do *sociometabolismo da barbárie*.

O livro de Giovanni Alves representa um contributo importante a vários níveis. Em primeiro lugar, a reflexão teórica que empreende é, sem sombra de dúvida, rica e, simultaneamente, suficientemente clara. Apesar da grande complexidade teórica da teoria marxista e das suas categorias de análise, o autor logra tornar mais inteligíveis conceitos de grande densidade, nomeadamente através da análise do contexto do mundo do trabalho actual. Esclarece as dinâmicas intrínsecas ao modo de produção do capitalismo contemporâneo, pondo a descoberto os mecanismos pelos quais se institui e dissemina a precariedade laboral. Em segundo lugar, o seu livro fornece-nos uma abordagem inovadora no que toca a análise da subjectividade. A sua utilização das categorias freudianas conduz-nos a uma melhor compreensão da forma como, apesar da vocação destrutiva e das contradições que o permeiam, o capitalismo continua a levar a cabo a sua ofensiva sem enfrentar uma oposição consistente. A presente obra constitui uma ferramenta de grande utilidade uma vez que expõe os mecanismos ocultos que garantem a sobrevivência e persistência do capitalismo na sua vertente neoliberal.

Resenha:

Recebido em: 31/05/2011

Aceito em: 07/06/2011